

**DIGA-ME O QUE PENSAS E TE DIREI QUEM ÉS: UM ESTUDO SOBRE
DESENVOLVIMENTO MORAL ENTRE JOVENS DO ENSINO MÉDIO DA
CIDADE DE CRUZETA/RN**

**TELL ME THAT THINK AND YOU WILL SAY WHO ARE: MORAL
DEVELOPMENT AMONG YOUNG OF THE MEDIUM TEACHING OF THE
CITY OF CRUZETA/RN**

Josefa da Conceição Silva, M. M. Zeferino

Faculdades Integradas de Patos, Brasil | Universidade Lusófona de Humanidades e

Tecnologias, Portugal.

jose_fada@hotmail.com

Resumo

Investigação acerca dos níveis de desenvolvimento moral entre jovens do Ensino Médio da cidade de Cruzeta/RN, partindo dos seus pressupostos e juízos acerca de dilemas morais complexos. A metodologia utilizada foi um dos dilemas mais conhecidos de Lawrence Kohlberg – O dilema de Heinz. O dilema foi apresentado a 62 jovens, escolhidos aleatoriamente entre as turmas do Ensino Médio de uma escola na cidade de Cruzeta/RN. Através do dilema, os jovens foram levados a refletir sobre conflitos morais e responder algumas questões discursivas sobre eles, cujas justificativas nos ofereceram um panorama de seus níveis de desenvolvimento moral e seus estágios.

Palavras-chave: Dilemas Morais. Consciência Moral. Níveis. Estágios.

Abstract

Investigation concerning the levels of moral development among young of the Medium Teaching of the city of Cruzeta/RN, leaving of your presuppositions and judgements concerning complex moral dilemmas. The used methodology was one of the dilemmas more acquaintances of Lawrence Kohlberg - THE dilemma of Heinz. The dilemma was presented to 62 young, chosen aleatoriamente among the groups of the Medium Teaching of a school in the city of Cruzeta/RN. Through the dilemma, the youths were mischievous to contemplate on moral conflicts and to answer some discursive subjects

on them, whose justifications offered us a panorama of your levels of moral development and your apprenticeships.

Keywords: Moral Dilemmas. Moral conscience. Levels. Apprenticeships.

Introdução

A reflexão sobre a autonomia tornou-se preocupação constante no pensamento ocidental. Consagração da uma realidade constitutivamente moral, foi considerada como a expressão privilegiada da humanidade do homem. Exigida pelas suas próprias estruturas biopsicológicas, a moralidade é uma necessidade no homem e a autonomia moral é o resultado tornado possível por esta hiperformalização do ser humano. Estando associada a um quadro de maturidade global, a autonomia foi, desde sempre, entendida como expoente do desenvolvimento pessoal.

Em um contexto psicológico, a autonomia pode ser entendida na acepção emocional, comportamental e moral. Embora tendo em conta a interrelação entre estas três dimensões da autonomia, no presente trabalho debruçar-nos-emos sobre a autonomia moral. Nesta perspectiva, entendemos que o ser autônomo é aquele que tem a capacidade de estabelecer preferências e prioridades e construir normas para si mesmo, com base em uma perspectiva própria. Na idéia de indivíduo autônomo, como ser que se singulariza, preconiza-se a idéia da existência como projeto único, cuja particularidade é confirmada no reconhecimento e respeito pelas outras existências como projetos únicos e singulares. Considera-se, pois, que a construção da autonomia de cada um só pode ser verdadeiramente levada a cabo num contexto facilitador da autonomia de todos.

No campo da psicologia, o conceito de autonomia emerge da consideração do fenômeno do desenvolvimento. O estudo das mudanças de comportamento, nos seus mais variados aspectos (perceptivo, intelectual, afetivo, moral, social, etc) ocorridas ao longo do tempo configura um domínio específico que é o da a psicologia do desenvolvimento. No presente artigo, analisaremos a construção da autonomia moral, no âmbito da psicologia do desenvolvimento, à luz dos dados da tradição cognitivo-desenvolvimental, salientando a contribuição da teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg para a compreensão deste fenômeno.

A autonomia moral na adolescência: contribuições de Piaget e Kohlberg

A sociedade atual tem se deparado diariamente com a necessidade de julgar os outros. Para tanto, não é raro o uso de termos relacionados aos conceitos de moralidade e desenvolvimento moral.

Em termos teóricos, essa discussão tende a girar em torno de dois nomes que tem se destacado no âmbito do estudo desses conceitos, nomeadamente Piaget (1973) e Kohlberg (1981). O primeiro tendo desenvolvido um modelo teórico de desenvolvimento moral baseado no respeito e compreensão das regras do jogo de berlindes por crianças e adolescentes. O segundo, a partir dos estudos do primeiro, uma teoria baseada em diferentes estágios de compreensão e aplicação de normas e valores morais, cujo contributo, apesar de ser alvo de críticas, tem se mostrado um dos mais válidos e completos no que concerne a essa temática.

Em ambas os modelos teóricos nota-se a adolescência como um período muito importante de construção de valores sociais e de interesse por questões éticas e ideológicas. Um período de aspiração à perfeição moral e expressão de um grande altruísmo, o que frequentemente tende a originar comportamentos de revolta no adolescente diante do fato de que nem sempre a sociedade apresenta os mesmos valores que ele.

O fato de a adolescência ser caracterizada como um período de grande ebulição dos valores morais deve-se ao fato de constituir-se um momento de desenvolvimento cognitivo intenso, onde o sujeito constrói novas capacidades cognitivas de reflexão e abstração, permitindo-lhe elaborar mentalmente hipóteses, debater ideias e confrontar opiniões, construindo uma teoria própria sobre a realidade.

Nesse confronto, o adolescente põe em xeque os valores do “mundo adulto”, na tentativa de conquistar a tão sonhada autonomia. Nesse sentido, confronta regras e convenções sociais, de forma a acatá-los, algumas vezes, ou rejeita-las e desobedece-las, em outras.

Isto nos leva a uma questão central: de que forma se processa a construção do desenvolvimento moral?

São três as principais correntes da Psicologia que se debruçaram sobre a temática da moralidade. Do ponto de vista afetivo, a Psicanálise, do ponto de vista comportamental, o Behaviorismo e do ponto de vista de um processo em construção, o cognitivismo, cujos expoentes já foram citados anteriormente.

A tradição cognitivo-desenvolvimental: a obra de Jean Piaget

A tradição cognitivo-desenvolvimental tem origem na obra de Jean Piaget. O pressuposto básico desta corrente psicológica é o de que a construção das estruturas mentais resulta da interação entre tendências estruturais próprias do sujeito e a estrutura do mundo exterior. Nesta interação radicam os estágios cognitivos, que não são mais do que as transformações progressivas que aquelas estruturas sofrem mediante assimilações e acomodações sucessivas, com vista à manutenção do equilíbrio psicológico (Piaget, 1975). Os estágios cognitivos representam, como tal, diferentes formas de pensamento, formando entre si uma seqüência invariável no desenvolvimento individual. A cada estágio há subjacente uma organização própria do pensamento que se manifesta em todas as tarefas com as quais o sujeito é confrontado, evidenciando, pois, uma tendência estrutural. A teoria cognitivo-desenvolvimental salienta a importância do componente cognitivo em todos os comportamentos e suas mudanças seqüenciais.

Tendo embora concentrado os seus esforços na compreensão do desenvolvimento cognitivo, Piaget (1932) debruçou-se igualmente sobre o desenvolvimento dos conceitos morais e sociais. Segundo este autor, o pensamento e os sentimentos desenvolvem-se de forma paralela, constituindo o desenvolvimento cognitivo como uma condicionante da forma de sentir e do juízo moral.

Tal como o desenvolvimento da inteligência, o desenvolvimento do juízo moral processa-se da heteronomia para a autonomia. A heteronomia representa, no plano moral, o paralelo do egocentrismo intelectual primitivo, no qual radica. A impossibilidade de compreender as regras e os valores morais no sentido dos adultos, conduz a criança, nos estádios sensório-motor e pré-operatório, a equacionar aquelas como sagradas e absolutas. A bondade de um comportamento radica na submissão às regras estabelecidas por uma autoridade adulta exterior e no fato de não acarretar uma punição da mesma. O castigo e a sua ausência são os critérios que permitem distinguir, nesta fase, o bom e o mau. Estamos aqui no nível da subjetividade mais primitiva que não se interiorizou. A confusão entre o subjetivo e o objetivo, característica do realismo conceptual próprio dos estágios cognitivos menos elevados, prolonga-se no realismo moral (as regras e os valores são concebidos como entidades absolutas, que emanam de uma autoridade adulta aos quais é necessário obedecer incondicionalmente). Central no desenvolvimento da autonomia moral é, então, o fenômeno da cooperação entre pares, coincidente com o desenvolvimento das operações concretas. O sujeito começa a ser

capaz de perspectivar as situações segundo outros pontos de vista, o que corresponde ao declínio do egocentrismo intelectual. Esta cooperação acarreta, assim, o fenômeno da reciprocidade. A criança interioriza as regras morais, compreendendo a sua necessidade e apercebendo-se progressivamente da sua relatividade (modificabilidade segundo o contexto). O critério de bondade de uma ação desloca-se das suas conseqüências materiais (objetividade) para a intenção que lhe preside (subjetividade).

O respeito mútuo sucede-se, assim, ao respeito unilateral. A consideração da pura igualdade é substituída pela consciência de uma forma superior de igualdade e de reciprocidade, traduzida no conceito de equidade (relação de reciprocidade que leva em conta a situação específica de cada indivíduo, exigindo como condição necessária o alcance das operações formais). A experiência da igualdade e o exercício da cooperação são, então, os fatores essenciais que permitem o acesso à autonomia.

O movimento de descentralização, conducente à autonomia, equivale à fundação da personalidade, que pressupõe a consideração e subordinação a um elemento ideal, apropriado pelo próprio indivíduo, fundamento do respeito mútuo e da cooperação. É importante realçar que, segundo Piaget, não é possível falar em estágios morais, dado que uma criança predominantemente autônoma pode evidenciar aspectos heterônomos e vice-versa, daí a sua preferência pelo termo fases.

A Teoria de Lawrence Kohlberg: O Caráter Estrutural do Desenvolvimento Moral

Conforme anunciado anteriormente, as investigações de Lawrence Kohlberg vem no prolongamento da obra de Piaget, consistindo na aplicação do quadro conceitual definido por este autor ao desenvolvimento moral. Kohlberg considera que é possível detectar, na área do desenvolvimento da personalidade social, a existência de estágios ou mudanças estruturais, que acompanham os estágios cognitivos. Os conceitos de conflito, descentração e equilíbrio são retomados para explicar a influência do meio social sobre o desenvolvimento moral (Kohlberg, 1982).

Kohlberg definiu seis estágios do desenvolvimento moral, usando como metodologia a aplicação de dilemas morais hipotéticos, solicitando uma resposta livre. Cada estágio representa uma definição própria dos conceitos morais básicos, sendo possível estabelecer entre eles uma seqüência hierárquica de progressiva diferenciação e integração. Os tipos superiores de pensamento moral integram e substituem os

inferiores. Cada estágio consiste, assim, num processo ativo de organização do mundo, correspondendo a uma totalidade estruturada. Isto significa que, quando confrontados com vários aspectos do juízo moral, os sujeitos evidenciam sempre uma mesma lógica, que é a do respectivo estágio em que se situam. Estes estágios são universais e definitivos; verificam-se em todas as culturas e sucedem-se segundo uma seqüência invariável. Uma vez atingido um estágio superior não há retrocesso. A progressão nos estágios equivale a uma marcha para o equilíbrio.

Os estágios de desenvolvimento moral e a construção da autonomia moral

O raciocínio moral é essencialmente um processo de tomada de perspectiva, assumindo, em cada estágio, uma nova estrutura lógica paralela à dos estágios de Piaget e que é uma estrutura de justiça, progressivamente mais compreensiva, diferenciada e equilibrada (Kohlberg, 1981). Os estágios de desenvolvimento moral traduzem, pois, formas cada vez mais elaboradas e racionais de justificar as decisões e de solucionar os conflitos.

Kohlberg considera três níveis gerais de desenvolvimento moral, cada um dos quais subdividido em dois estágios. O Quadro 1 traz um resumo dos estágios.

Quadro 1: Estágios de Desenvolvimento Moral de Kohlberg

O QUE É JUSTO	PORQUÊ	Ponto de vista social
NÍVEL PRÉ-CONVENCIONAL		
<i>Estágio 1</i> Obedecer, evitar a punição (ou os danos físicos e materiais).	Superioridade dos pais, do adulto, ou daqueles que castigam.	Egocentrismo. O ponto de vista do outro não é considerado.
<i>Estágio 2</i> Obedecer às regras que servem o interesse próprio. Nas partilhas é justo o que é igual.	Porque cada um segue o seu próprio interesse.	Embora os pontos de vista possam ser diferentes, o ponto de vista próprio continua a ter a primazia.

NÍVEL CONVENCIONAL

<p><i>Estágio 3</i></p> <p>Fazer o que os outros (em particular os mais próximos) esperam. Ser bom, demonstrar interesse pelos outros, respeitá-los, confiar neles, ser leal.</p>	<p>Porque é necessário colocar-se no lugar dos outros. É necessário manter os comportamentos socialmente aprovados.</p>	<p>O indivíduo tenta colocar-se no lugar dos outros, mas sem considerar um sistema de perspectivas geral. Tomada de consciência das intenções dos outros, dos acordos e dos desacordos.</p>
<p><i>Estágio 4</i></p> <p>Cumprir os seus deveres e seguir as leis, mesmo quando estas entram em conflito com as regras sociais.</p>	<p>Porque é necessário manter as instituições e evitar os desequilíbrios que adviriam se "toda a gente fizesse assim".</p>	<p>Os indivíduos são considerados em função da posição que ocupam na sociedade. Não há conflito lei-moral.</p>

NÍVEL PÓS-CONVENCIONAL

<p><i>Estágio 5</i></p> <p>Distinção entre valores individuais e direitos elementares, tais como a vida e a liberdade.</p>	<p>Porque temos deveres decorrentes de um contrato social que visa a realização do bem para o maior número.</p>	<p>Visão igualitária (igualdade de oportunidades). Lei e moral podem entrar em conflito.</p>
<p><i>Estágio 6</i></p> <p>A igualdade e o respeito pela dignidade da vida humana são os princípios morais universais. Suscitam uma adesão livre.</p>	<p>Porque os princípios morais são universais e há que se comprometer na sua defesa.</p>	<p>Os indivíduos são fins em si e devem ser considerados como tais.</p>

Segundo este autor, os conflitos de valores podem ser racionalmente solucionáveis, dado que é possível tender para um conjunto de princípios éticos universais. O conflito de valores é apenas uma etapa do diálogo que visa atingi-lo com

um acordo universal, no nível de uma generalidade superior (pelo reconhecimento de princípios éticos universais). Assim, a autonomia moral é alcançada nos dois últimos estágios de desenvolvimento moral, traduzindo-se numa racionalização de ideais, fruto da interação do indivíduo com o meio social.

A importância dos vários grupos sociais (entre os quais a escola) é salientada na criação de oportunidades de descentralização social, que permitindo aos indivíduos a apreciação de outras perspectivas e o colocar-se no papel do outro, favorecem o desenvolvimento moral. Assim como o egocentrismo intelectual e moral da criança caracteriza a moralidade autônoma, também o estar voltado para a perspectiva do outro é inseparável da autonomia. Através dela, o pensamento realiza a sua natureza relacional.

O design da pesquisa

A investigação que deu origem ao presente artigo, baseou-se na identificação e compreensão acerca dos níveis de desenvolvimento moral entre jovens do Ensino Médio da cidade de Cruzeta/RN, partindo dos seus pressupostos e juízos acerca de dilemas morais complexos.

A metodologia utilizada foi um dos dilemas mais conhecidos de Lawrence Kohlberg – O dilema de Heinz, que trata de uma situação conflituosa vivida por Heinz, que tem sua mulher doente em um estágio terminal, quando um farmacêutico de sua cidade descobre a cura para tal doença, cobrando um preço exorbitante pelo remédio. Após reunir parte do dinheiro entre os amigos e conhecidos, Heinz tenta comprar o remédio, pedindo para pagar o restante do dinheiro em outro momento. O farmacêutico mantém seu propósito de ganhar muito com sua descoberta e não vende o remédio a Heinz. Diante dessa situação, põe-se alguns dilemas hipotéticos aos sujeitos pesquisados, sobre os quais eles devem refletir e responder, de forma escrita, a alguns questionamentos. As respostas e suas respectivas justificativas nos oferecem um panorama dos níveis de desenvolvimento moral de cada um deles, baseado nos critérios e estágios estabelecidos por Kohlberg.

Conforme foi visto anteriormente, entre os 3 níveis de desenvolvimento moral, com 2 estágios cada um, Kohlberg estabeleceu o nível pré-convencional (1-2), o convencional (3-4), e o pós-convencional (5-6). Neste trabalho, para efeito didático,

serão utilizados os termos Pré 1 e 2, C 3 e 4 e Pós 5 e 6, correspondendo respectivamente aos estágios e níveis supracitados.

O dilema foi apresentado a 62 jovens, escolhidos aleatoriamente entre as turmas do Ensino Médio de uma escola na cidade de Cruzeta/RN.

Através do dilema, os jovens foram levados a refletir sobre conflitos morais e responder algumas questões discursivas sobre eles, cujas justificativas nos ofereceram um panorama de seus níveis de desenvolvimento moral e seus estágios.

A amostra dessa pesquisa apresenta jovens entre 14 e 22 anos de idade, sendo 27 do sexo feminino e 34 do masculino, com escolaridade mínima de 11 e máxima de 18 anos. Os resultados demonstram uma oscilação entre os níveis pré-convencional 2 (aquele em que a pessoa é movida apenas pelos próprios interesses) e o pós-convencional 6 (onde os princípios em questão são os da igualdade dos seres humanos e o respeito por sua dignidade como indivíduos), apresentando variações muito significativas, inclusive nas respostas do mesmo sujeito. O que demonstra que o sujeito pode variar de nível de desenvolvimento moral de acordo com o domínio relacionado a cada pergunta. Em algumas questões eles demonstraram um nível bastante elevado de desenvolvimento moral, enquanto em outros, remontavam aos níveis mais primitivos.

Os dados da pesquisa e suas considerações

Os dados revelam que em relação ao nível mais elevado de desenvolvimento moral (Pós 6), 36% dos meninos responderam satisfatoriamente, enquanto apenas 18% das meninas apresenta esse nível. As respostas foram do tipo: “Salvar a vida de uma pessoa, mesmo havendo consequências, é um risco que deve ser tomado” (Edviges, 16 anos)¹; “Cada ser humano é responsável por seus próprios atos e sabe que para a sociedade nem tudo o que fazemos é correto; o que importa é que tenhamos a consciência limpa que o que se faz é para fazer o bem ao próximo” (Diana, 16); “O juiz deveria pensar no caso, pois se trata de vida de uma pessoa (Paulo Henrique, 18). “Eu faria o possível para ajudar os dois, por mais que Heinz tivesse roubado, ele roubou por algo precioso” (Wesley, 17).

¹ Os nomes aqui apresentados são pseudônimos escolhidos pelos próprios sujeitos da pesquisa. As idades correspondem a suas idades reais.

Entre os meninos, 20% apresenta variações nas respostas que vão do nível Pré 2 até o Pós 6; nas meninas, as variações ocorrem em 46% entre os mesmos níveis. Tanto entre as meninas quanto entre os meninos, o resultado mais comum, diz respeito ao nível C3, onde vigoram os acordos interpessoais e a conformidade, alcançando os percentuais de 46% e 66%, respectivamente. As oscilações se apresentam em respostas como: “Acho que ele se sacrificar por um desconhecido não valeria a pena” e apontando os valores mais importantes em conflito no texto: “Amizade, compreensão, solidariedade” (Júlia Cristina, 16).

Pode-se perceber que os jovens pesquisados apresentam uma oscilação significativa entre seus níveis de desenvolvimento moral, dependendo, em grande parte, do conteúdo da pergunta, o que demonstra que se encontram em plena construção de seus valores e normas morais, que pode ser dinamizada através de trabalhos dessa natureza, onde eles podem colocar em xeque suas concepções atuais e avançar em direção a níveis mais elevados.

Conclusão

A teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg, fruto da tradição cognitivo-desenvolvimental defende uma abordagem estrutural do desenvolvimento, onde a estruturação da realidade física e social com a qual o sujeito se identifica e a que correspondem os diversos estágios é acompanhada por uma reestruturação dialética da própria unidade originária (o sujeito).

Neste contexto, o processo de construção da autonomia moral é entendido como equivalendo a um movimento dialético de separação-individuação na medida em que o desenvolvimento e a diferenciação implicam um espaço de integração, baseado na reciprocidade e no incentivo dos outros. Em termos educativos, esta concepção de autonomia, enquanto expoente da maturidade moral, implica a combinação de práticas relacionadas com o desenvolvimento dos princípios da justiça com práticas incentivadoras das relações interpessoais, uma vez que o resultado é buscado sempre na relação com o outro que assume diferentes papéis ao longo do processo. Passando de um sujeito individual que pune (Pré 01) ao que é visto como sujeito no sentido universal, para o qual convergem todos os esforços na construção de uma visão de

direitos humanos universais, representado no último estágio de desenvolvimento moral (Pós 06) defendido por Kohlberg.

Referências

- Blasi, A. (1988). Identity and the development of the self. Em D.K. Lapsley & F.C. Power (Orgs.), *Self, ego, and identity* (pp. 226-241). Nova Iorque: Springer-Verlag.
- Blasi, A. (1993). The theory of ego development and the measure. *Psychological Inquiry*, 4, 17-55.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice*. Cambridge: Harvard University Press.
- Hauser, S. (1993). Loevinger's model and measure of ego development: A critical review II. *Psychological Inquiry*, 4, 23-30.
- Josselson, R. (1988). The embedded self: I and Thou revisited. Em D.K. Lapsley e F.C. Power (Orgs.), *Self, ego, and identity* (pp. 91-106). Nova Iorque: Springer-Verlag.
- Kegan, R. (1982). *The evolving self*. Cambridge: Harvard University Press.
- Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development, Vol. 1. The philosophy of moral development*. São Francisco: Harper & Row.
- Kohlberg, L. (1982). The child as a moral philosopher. Em J.K. Gardner (Org.), *Readings in developmental psychology* (2ª ed.) (pp. 391-399). Boston: Little Brown and Company.
- Marques, R. (1997). A justiça, a preocupação pelos outros e a bondade: pode a escola passar sem elas? Em M.F. Patrício (Org.), *A escola cultural e os valores* (pp. 353-363). Porto: Porto Editora.
- Moessinger, P. (1989). *La psychologie morale*. Paris: Presses Universitaires de France.

Noam, G. (1993). Ego development: True or false? *Psychological Inquiry*, 4,43-48.

Piaget, J. (1973). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France.

Piaget, J. (1975). A teoria de Piaget. Em P. Mussen (Org.), *Manual de psicologia da criança* (pp. 71-115). S. Paulo: EPU

Puka, B. (2000). Inclusive moral education: A critique and integration of competing approaches. Em M. Leicester, C. Modgil & S. Modgil (Orgs.), *Education, culture and values, Vol.4: Moral education and pluralism* (pp. 131-148). London: Falmer Press.